



movimentos sociais a partir dos conflitos e alternativas presentes em territórios específicos que são emblemáticos para a saúde coletiva e as conquistas sociais. Por isso a ABRASCO foi uma das proponentes iniciais da Caravana Territorial da Bacia do Rio Doce.



As Caravanas são viagens de aprendizados, intercâmbios e construção de laços de solidariedade e luta política que exercitam um olhar conjunto e popular sobre o território, situando contradições, potencialidades e desafios na construção de uma nova sociedade pautada na agroecologia, na reforma agrária, na saúde coletiva, na economia solidária, na luta das mulheres, no respeito ao conhecimento dos povos e comunidades tradicionais. Buscamos dar visibilidade às denúncias e aos anúncios, aos conflitos sociais e ambientais, às experiências de resistência e de autonomia, de valorização da cultura regional e popular, de organização que marcam os locais por onde as rotas passam e ao final se encontram num local de culminância.

Nossa Caravana envolveu dezenas de organizações nacionais, regionais e locais, com a participação de cerca de 150 caravaneiros e mais de mil pessoas que participaram das inúmeras atividades realizadas. Nos dividimos em quatro rotas que percorreram o Alto, Médio e Baixo rio Doce desde o dia 11 até o dia 14, e nos dias 15 e 16 ficamos em Governador Valadares na Culminância com intercâmbio de experiências nas chamadas instalações pedagógicas por rota; uma mesa redonda com representantes da Comissão de criação do Fórum Permanente de Defesa do Rio Doce; do povo indígena Krenak; das organizações acadêmicas presentes na rota; e do Ministério Público Federal.



Início da rota 1 em Mariana



Lama na comunidade destruída de Gesteira

A Caravana teve quatro rotas: a rota 1 seguiu o caminho da lama de rejeitos a partir de Mariana, revelando o lado mais dramático da tragédia-crime e conhecendo experiências de resistência e lutas por direitos, com o especial protagonismo das mulheres. A segunda, também no Alto rio Doce, seguiu os afluentes dos rios Piranga e Casca que não foram atingidas pelo rejeito da barragem, embora a tragédia crime também tenha influenciado a região, por exemplo pelo desaparecimento dos peixes que não mais podem fazer a piracema pela morte do rio a jusante. A rota teve como objetivo principal conhecer experiências de recuperação de nascentes e dos rios, de agricultura agroecológica, de saneamento rural com fossas construídas pelas comunidades, da potência das escolas da família agrícola e projetos de extensão. A terceira rota partiu de Governador Valadares, e teve por foco os afluentes do médio rio Doce, trazendo a perspectiva da interligação dos acontecimentos relativos à tragédia-crime de Mariana e o modelo de desenvolvimento imposto na região do médio rio Doce, em especial os problemas relacionados aos recursos hídricos, que já eram problemáticos antes do rompimento da barragem por empreendimentos como barragens, o assoreamento dos rios e a falta de saneamento básico. Com o desastre houve uma redução drástica na oferta de pescado e de água para a população, tanto a potável como para o uso produtivo de agricultores, e a população desconfia dos laudos e aprovam a água distribuída pelas prefeituras. Mas há também anúncios de agricultores da reforma agrária, de pescadores e indígenas que, em sua resistência, lutam por direitos e outras formas de relação com a natureza e a economia. Por fim a quarta rota percorreu a região do baixo Rio Doce desde a foz em Regência até Governador Valadares, e no coletivo participaram também indígenas Tupiniquim, Botocudos e Guarani. Ao longo da rota foram visitadas a Vila de Regência Augusta; comunidades de pescadores de Maria Ortis e Mascarenhas; o assentamento do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) Sezínio Fernandes; e a aldeia indígena Krenak. Além do sofrimento dos pescadores que vivem de um rio sem peixe, da violência policial contra a comunidade do assentamento da reforma agrária, dos impactos dos grandes empreendimentos da indústria da mineração e do petróleo, os Krenak revelaram com contundência uma grave e inaceitável violação de autodeterminação de um povo, ferindo a Convenção 169 da OIT (Organização Internacional do Trabalho) sobre Povos Indígenas e Tribais. Segundo Andrea Krenak, “o rio faz parte de nós, da nossa cultura, é como se tivessem tirado um parente nosso”.

Toda essa rica experiência está presente no Facebook.

<https://www.facebook.com/Caravana-Territorial-da-Bacia-do-Rio-Doce-439933599549529/?fref=ts>



Ao longo da Caravana foram cruzados vales, montanhas, serras, planícies, riachos, nascentes, matas, trilhas, estradas, distritos, comunidades ribeirinhas, pequenas cidades, cidades portuárias, cidades turísticas, grandes cidades, cidades históricas. Andamos pelas roças, comunidades tradicionais, escolas do campo e da família agrícola, sindicatos de trabalhadores, mercados solidários, feiras da agricultura camponesa. Presenciamos a tragédia da lama de rejeitos, das terras devastadas, do rio contaminado, nos solidarizamos com comunidades, agricultores e agricultoras, indígenas e quilombolas que sofrem as enormes consequências do crime ambiental e social. Vimos a força das mulheres na resistência cotidiana contra os impactos da mineração e pela construção de alternativas. Fizemos visitas, intercâmbios de experiências, observações, atos públicos, rodas de conversa entre caravaneiros/as e famílias / grupos / coletivos / moradores que participaram das atividades. Também celebramos a vida, vivenciamos a cultura, a alimentação solidária e a culinária, a hospitalidade da hospedagem solidária.



### **A rota dos rios Piranga e Casca: da resistência à transformação que já começou**

Minha participação ocorreu ao longo da rota 1, no Alto do rio Doce, dos rios Piranga e Casca desde segunda (11/4) até quinta(15/4). Fomos cerca de 40 caravaneiros, homens, mulheres e jovens de várias organizações percorrendo as cidades de Desterro de Melo, Paula Cândido, Araponga, Viçosa, Ponte Nova e culminando em Governador Valadares. Nos quatro dias de atividades cerca de 300 pessoas também se mobilizaram e participaram nos vários momentos de visitas e debates. Nossa alimentação e pernoite ocorreram de forma solidária com a simpatia e dedicação de muitas pessoas e organizações.

Essa rota teve um papel estratégico para a Caravana, já que visitamos o Alto da bacia do rio Doce, o local onde o rio nasce e que não foi diretamente atingido pela lama de rejeitos do desastre crime da Samarco/Vale/BHP. Na verdade aprendemos que a poluição e turbidez do rio Doce impede a pirapora e o ciclo reprodutivo de diversas espécies de peixes que sobem o rio e estão ameaçadas.

Nossa principal missão na rota foi conhecer, registrar e compartilhar diversas experiências de recuperação de nascentes, de proteção ambiental, de práticas agroecológicas que produzem alimentos saudáveis que respeitam a natureza através de agroecossistemas vivos, sustentáveis e justos, sem exploração das pessoas, com o fortalecimento da autonomia e da organização comunitária e coletiva dos agricultores. Conhecemos também várias resistências de trabalhadores e comunidades por empresas e projetos que violam direitos fundamentais. Vimos como os anúncios são histórias de lutas que, ao longo de muitos anos de persistências, vão transformando sonhos em realidades.

A Caravana começou na segunda no início da noite na cidade de Desterro do Melo com o Vídeo-debate “Flores Vivas”, um filme relato realizado pela CONTAG sobre a luta de trabalhadores, homens e mulheres, que foram contaminados por agrotóxicos na empresa Brazil Flowers, uma multinacional alemã que produzia rosas para exportação. Abortos, mal formações e vários casos de câncer produziram uma articulação com técnicos do SUS (saúde dos trabalhadores) e a Fundacentro, e a empresa acabou sendo forçada a fechar as portas em meados dos anos 1990. A luta contra os venenos levaram vários agricultores e o sindicato de trabalhadores rurais a perseguirem alternativas que levaram à agroecologia e ao uso a homeopatia na criação de animais. A relação com o setor saúde, além de organizações agroecológicas e universidades como a de Viçosa, têm sido fundamental para apoiar essa transição, que atualmente envolve um profundo trabalho de sensibilização e difusão de experiências na região com o projeto ALIAR. Esse projeto decorre do Projeto de Lei 018/14 aprovado pela Câmara de Vereadores de Barbacena que cria no âmbito do Município o Programa Agroecologia e Homeopatia, um anúncio de processos locais de transição agroecológica.



No dia seguinte, terça pela manhã, fomos conhecer a nascente do rio Xopotó, um dos afluentes do rio Piranga. Lá fizemos uma bela mística onde cantos, poesias e relatos significativos dos presentes evocaram e celebraram o sentido das águas como fonte da vida, lugar onde nascemos no ventre de nossas mães que comungam com a Mãe Terra o milagre da vida. Conversamos sobre as principais estratégias de proteção das nascentes e de recuperação dos rios, a importância do cercamento das nascentes, o problema da

pastagem com a grama braquiária que reduz a biodiversidade, impede a infiltração da água e facilita a erosão. Também foi mencionada a falta de agilidade das instituições para por em prática ações há muito prometidas, como o cercamento das nascentes do Alto da Bacia do rio Doce.



Na parte da tarde conhecemos a propriedade do Sr. Joaquim, um simpático agricultor que nos recebeu com sua família. Trata-se de uma grande referência em homeopatia agropecuária na região que há cerca de 5 anos vem tratando com sucesso seu gado.



De tarde fomos para o município de Paula Cândido, recebidos à noite na casa paroquial com uma apresentação de congado por membros de comunidades quilombolas da região, sob a guia do Mestre Boi, da comunidade de Córrego do Meio, que depois nos acompanhou ao longo da rota. Junto com Farinhada, músico popular e militante dos movimentos negro e agroecológico, caminhamos, cantamos, celebramos e rezamos com Mestre Boi por toda a Caravana.



Na manhã seguinte, quarta-feira, nos dividimos em três grupos para visitar cada qual uma experiência na região de Paula Cândido. A primeira foi Comunidade de São Mateus conhecer a experiência com fossas sépticas econômicas que vêm sendo construídas pela própria comunidade. Foi feita uma demonstração de construção para o grupo em menos de uma hora de trabalho, mostrando como o saneamento rural pode ser enfrentado com conhecimento técnico e participação comunitária. O segundo grupo conheceu a experiência de resistência na Comunidade de Morro do Jacá frente à tentativa de construção de um mineroduto pela empresa mineradora Ferrous. Com a autorização prévia dada pelo Governador de MG a empresa começou a colocar placas por onde o mineroduto iria passar provocando uma ampla reação, ampliada pela criação de uma coalisão mais ampla, a Campanha pelas Águas e Contra o Mineroduto, que luta para impedir o mineroduto articulando inúmeras comunidades, cidades, organizações e movimentos sociais. Por fim foi visitada a comunidade Quilombola Córrego do Meio em sua luta de resistência e titulação da terra, além de experiências com bioconstrução.



Ainda no final da manhã seguimos para Araponga, onde almoçamos na Escola Família Agrícola (EFA) Puris. Lá o grupo se dividiu novamente para conhecer as experiências agrocológicas com jovens na EFA e na propriedade do Sr. Paulinho e Dona Fia. Vimos o engajamento e aprendizado de jovens na recuperação de nascentes, na produção agrocológica de alimentos, na construção de fossas que viabilizam o saneamento rural, mostrando a importância e efetividade das EFAs e projetos de extensão. Com seu Paulinho, com o engajamento de jovens da EFA Puris, tivemos uma aula de sabedoria e técnicas agrocológicas. Paulinho é um camponês que participa do projeto plantadores de água na recuperação das nascentes através da recomposição dos agroecossistemas locais, com a diversidade de plantios, o fim das braquiárias e o plantio de capim gordura que permite uma pastagem menos agressiva e mais adequada à infiltração de água nos solos. Uma esperança num mundo, como nos disse Paulinho, consumista que desconsidera e destrói a natureza.

Em momento certo de sua fala, Paulinho nos contou com tristeza a visita de uma professora universitária que, apelando para o futuro dos filhos do agricultor, conclamou-o a abandonar o projeto em curso para plantar mais eucaliptos, ter mais dinheiro e mandar

seus filhos para a universidade. Com lágrimas nos olhos, Paulinho e todos nós, ele compartilhou a tristeza por vivenciar o que ele denominou uma “ciência do mal” que se afasta da natureza, da compaixão e só pensa numa produtividade voltada ao dinheiro e ao curto prazo. Uma ciência que, com os donos do poder, contribui para um mundo de destruição, tal como o planeta vive hoje numa situação que se agravará mais e mais. E reafirmou seu compromisso com uma agricultura da verdade, da dignidade e da vida, uma lição para todos que lá estavam.



Viajamos ainda na quarta para Viçosa onde o grupo se reuniu para participar no Seminário “Mineração na Bacia do Rio Doce: Impactos, Conflitos e Resistências” na Universidade Federal de Viçosa. Com uma plateia de mais de cem estudantes e professores, além da Caravana, ouvimos palestrantes que apresentaram trabalhos sobre a contaminação da Bacia do Rio Doce, as origens da tragédia da mineração pela lógica destrutiva de aumentar a produção em busca de lucros mesmo em tempos de queda dos preços do minério de ferro, e dos impactos na vida do rio Doce e espécies que serão possivelmente extintas. Aprendemos que a degradação e contaminação por metais pesados como o arsênio do rio Doce é anterior ao desastre crime, e já estava relacionada à atividade mineradora na região. Na quarta de noite fomos pernoitar no CTA – Centro de Tecnologia Alternativa – que desde a década de 1980 apoia a transição agroecológica na região, em forte articulação com agricultores e a Universidade Federal de Viçosa.



Na quinta feira cedo pela manhã partimos para Ponte Nova. No percurso a caravana parou no encontro do Rio Piranga com o Rio Carmo formando o rio Doce. Sofremos então o impacto de ver pela primeira vez na rota o rio marrom poluído pelo rejeito da tragédia. Junto com as pessoas da rota 1 que lá também estavam, vimos relatos de resistências contra a represa de Candonga - de propriedade de um consórcio com a participação da Vale para produzir energia elétrica para a mineração. Ouvimos como a violação de direitos é um padrão comum de vários empreendimentos, como barragens, minerodutos e construção de minas. Ouvimos também o relato da luta da comunidade de Sossego, cuja maioria negra foi expulsa do lugar e realocada com a indignação de muitos para “Nova

Sossego”, construída pelo consórcio responsável pela Barragem. Anos depois, ainda em luta por direitos, as pessoas viram a chegada da lama, de carros, geladeiras e destroços onde antes era a barragem. Caminhamos por pedras e por cima da lama já sem os destroços, junto da água marrom ainda cheia de lama. Nos foi mostrado onde, a pouco metros de onde estávamos, foi encontrado o corpo de uma das crianças a quilômetros de distância de onde a lama o levou. Nesse local compartilhamos dores, tristezas de uma tragédia enorme e repleta de violações de direitos, mas também esperanças por um mundo mais justo e em harmonia com a natureza.

De tarde voltamos a Ponte Nova para debater na casa paroquial com militantes, agricultores e sindicalistas alternativas de recuperação ambiental do rio Piranga, um dos principais afluentes do rio Doce, e do enfrentamento mais amplo de retrocesso político do país. Foi apresentada e discutida a proposta de criação a partir de projeto municipal de Ponte Nova da Unidade de Conservação do Rio Piranga, com o apoio da UFV e do Núcleo de Assessoria às Comunidades Atingidas por Barragens (NACAB), uma associação que participou da Caravana e tem como princípio a defesa e o aprofundamento dos direitos individuais, sociais e difusos como instrumento de reforço da solidariedade social.



#### Mística Sem Terrinha - Assentamento Oziel

Na tarde de quinta nos deslocamos para Governador Valadares para dormir no Assentamento Oziel Alves Pereira. Na sexta, dia 15, todas as rotas se reuniram na Praça dos Pioneiros para, caravaneiros e população da cidade (cerca de 300 pessoas), conhecermos as experiências da Caravana através do giro pelas instalações pedagógicas construídas pelas quatro rotas. Vimos fotos, sapatos e rádios de carro enlameados, cartilhas e cartazes de protesto e convocação, sementes crioulas, alimentos agroecológicos, exemplares da flora nativa, de garrafas com águas das nascentes e do rio poluído, redes de pesca amarronzadas pela lama, símbolos da destruição, de denúncias e anúncios, explicados pelos companheiros e companheiras de cada rota. Em seguida houve uma mesa com representantes da Comissão de Criação do Fórum Permanente de Entidades em Defesa da Bacia do Rio Doce, do povo Krenak, do Ministério Público Federal e um representante das universidades e grupos de pesquisa envolvidos na Caravana, seguido de um microfone aberto com a participação das pessoas que estavam na praça acompanhando o debate.



Finalmente no sábado participamos cerca de ao longo de toda a manhã de um Ato Político que, partindo da Praça dos Pioneiros, caminhou por mais de duas horas ao longo das ruas de Governador Valadares e terminou com a leitura da Carta Política junto à estação da estrada de ferro Vitória a Minas controlada pela Vale.



A Carta Política, que ainda será revisada e divulgada brevemente, sintetiza a rica experiência da Caravana com anúncios e denúncias. Revelou como, mesmo num contexto extremo de vulnerabilidade, as comunidades se organizam na luta por direitos, por justiça socioambiental, contra as violências realizadas, por autonomia e pela construção de uma sociedade mais solidária, agroecológica e saudável, que respeita a natureza, a democracia e a autodeterminação dos povos. Revela como podemos aprender com as tragédias e as denúncias no florescimento da luta e organização popular, como base das transformações. As lutas não apenas contra a mineração, mas contra a construção de barragens sem a garantia de direitos, contra os monocultivos que agridem os ecossistemas, os agrotóxicos que envenenam e matam, a falta de saneamento básico no campo e nas cidades que adoecem as comunidades e polui os rios. Todos são problemas a ser enfrentados, e dessas lutas florescem inúmeras experiências que constatamos em várias comunidades que visitamos,

junto com o conhecimento tradicional, camponês e popular, com o protagonismo das mulheres nos processos de luta e resistência, com o apoio de uma ciência da vida e não da morte e da omissão, de prefeituras e instituições públicas que fortalecem a luta pela agricultura familiar e agroecológica, pela saúde pública, pela proteção dos rios e da natureza, pelo direito dos povos tradicionais.

Além da Carta Política e do registro no Facebook, vários produtos e processos estão sendo construídos. Será preparado um amplo relatório da Caravana, um dossiê denúncia sobre violações de direitos humanos para circular internacionalmente, apoiaremos a criação do Fórum Permanente de Defesa da Bacia do Rio Doce, vídeos serão produzidos. Também buscaremos construir uma maleta de Instalação Pedagógica Permanente para a circulação em escolas, sindicatos e organizações com os símbolos, relatórios, fotos e vídeos construídos e usados pela Caravana. A memória da tragédia, das denúncias e dos anúncios não pode morrer, pois a vida do rio, das comunidades atingidas e de transformação do modelo de desenvolvimento e sociedade precisa se nutrir e fazer circular as águas da vida em que a Caravana circulou. Navegar é preciso, vida sem sentido e com destruição não é preciso.

Foi um privilégio participar dessa experiência, que não terminou. Como encerra a Carta Política, no Pós Caravana seguiremos juntos nessa luta tão importante não só para as comunidades atingidas de Minas Gerais e Espírito Santo, mas para o país e o planeta que precisam de uma nova grande transformação, com pequenas e grandes ações conectadas pela vida.

Marcelo Firpo

Pesquisador da ENSP/ FIOCRUZ e coordenador do GT Saúde e Ambiente da Abrasco